

## BULLYING: REVISÃO SISTEMATIZADA ACERCA DA VITIMIZAÇÃO, AGRESSÃO E AÇÕES PREVENTIVAS

*Bullying: systematic review about victimization, aggression and preventive actions*

Emanuella de Castro Marcolino<sup>1</sup>

Cícera Renata Diniz Vieira<sup>1</sup>

Alessandro Leite Cavalcanti<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetivou analisar a ocorrência de vitimização e agressão por meio do *bullying* e as recomendações de intervenção no combate a essa problemática, inferidas pelas pesquisas empíricas concluídas. Trata-se de uma revisão sistematizada de literatura com busca realizada nas bases de dados LILACS e Pubmed, por meio das combinações de descritores, “bullying” e “estudantes”, “bullying” e “schools” tendo como limites de busca publicações no formato de artigos científicos disponíveis em texto completo com livre acesso, escritos em língua inglesa, espanhola e portuguesa, publicados a partir do ano de 2008 até maio de 2013. A maioria dos estudos exibiu dados de ocorrência de vítimas e agressores de *bullying* entre 10 e 30% e foram desenvolvidos em diversos países, sugerindo recomendações de combate ao *bullying*, quase na totalidade, com base em adoção de medidas preventivas voltadas aos escolares, familiares, profissionais, integrando escola com setores sociais e de saúde. A literatura científica revelou ainda o *bullying* como componente do cenário escolar no qual os meninos mais novos são os principais envolvidos, tornando necessária a implementação de intervenções com potencial de tratar, de maneira precoce, o que exige a articulação de diversos atores e setores.

**Palavras-chave:** Bullying. Vitimização. Agressão. Prevenção.

**Abstract:** This study aims to analyze the occurrence of victimization and aggression through bullying and interventions to combat this problem based on results of empirical research. This is a systematic literature review with search on LILACS and PubMed databases through the combinations of descriptors “bullying” and “students”, “bullying” and “schools”, having as search limits publications in the format of scientific articles available in full text with free access written in English, Spanish and Portuguese published from 2008 until May 2013. Most studies showed data on the occurrence of bullying victims and aggressors between 10 and 30% and have been developed in several countries, suggesting recommendations to combat bullying, almost entirely based on the adoption of preventive measures aimed at students, families and professionals, integrating school with social and health sectors. Scientific literature reveals that bullying is as part of the school environment, in which younger boys are the main victims, requiring the implementation of interventions with potential to treat the issue as early as possible with the involvement of various actors and sectors.

**Keywords:** Bullying. Victimization. Aggression. Prevention.

1 Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

2 Pós-Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

## INTRODUÇÃO

A violência entre jovens tem se mostrado um fenômeno atual com propagação em nível mundial, sendo considerada a maior causa de morbimortalidade nesta faixa etária, tendo como locais mais frequentes de ocorrência a via pública, a residência e a escola.<sup>1</sup> O ambiente escolar, cada vez mais, torna-se reflexo e cenário de situações de violência, constituindo-se a agressividade nas escolas um problema universal expressada por meio de preconceitos, intolerâncias e agressões.<sup>2</sup> Estudo desenvolvido em 27 países, com crianças e adolescentes em idade escolar, identificou que a maioria dos jovens participantes da pesquisa, em especial com 13 anos de idade, se envolveu em atos de *bullying* em algum tempo da vida escolar.<sup>3</sup>

Enquanto componente da violência escolar, o *bullying* é considerado um problema social e de saúde pública, compreendendo todas as formas de atitudes agressivas de caráter intencional e repetitivo, sem motivações evidentes, executadas por um ou mais escolares em direção a outro(s), provocando humilhação, angústia e dor, sustentadas em uma relação desigual de poder.<sup>4,5</sup>

Diante a situação de *bullying* as crianças e adolescentes podem ser classificados como vítimas, agressores ou observadores; papéis que não são fixos devido a capacidade de alterar-se, a depender das diversas situações.<sup>4,6</sup> Estudos mostram que os meninos estão envolvidos no *bullying*, tanto como vítimas quanto como agressores, em maior frequência que meninas.<sup>7,8</sup> Os agressores, geralmente, são fisicamente fortes, impulsivos, não seguem regras, não sentem remorsos por causar danos nas vítimas ou se arrependem<sup>9</sup>, enquanto as vítimas são vistas como inseguras, sensíveis, fisicamente fracas e com poucos amigos.<sup>10</sup> Como

resultado de vivenciar esse fenômeno, evidencia-se que as vítimas mostram-se com maior propensão a desenvolver fatores como ansiedade, depressão, absenteísmo escolar, redução do rendimento escolar e até ideias suicidas.<sup>11-13</sup>

Nesse sentido, as repercussões decorrentes da vivência do *bullying* podem estar relacionadas com aspectos físicos e/ou emocionais a curto e longo prazo com consequências desde o âmbito educacional até, de modo mais abrangente, as condições de saúde na perspectiva biopsicossocial, interferindo nos diversos domínios da vida dos escolares.<sup>14</sup>

O *bullying* é uma problemática discutida em todo o mundo, apesar dos estudos terem se iniciado, sobretudo, em torno da década de 80 com as pesquisas de Olweus. Extensa produção científica foi desenvolvida para tentar compreender este fenômeno nas escolas, incluindo estudos de intervenção, os quais têm fornecido recomendações significativas na área.<sup>15</sup>

Frente ao exposto, o presente estudo se propôs a analisar, através de uma revisão sistematizada, a ocorrência de vitimização e agressão por meio do *bullying* e as recomendações de intervenção no combate a essa problemática.

## METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão sistematizada acerca do *bullying*, enquanto componente da violência escolar. Para esta pesquisa, foram utilizados dois descritores em língua portuguesa pertencentes à lista de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “*Bullying*” e “*Estudantes*”; bem como, dois descritores em língua inglesa em conformidade com o *Medical Subject Headings* (MESH): “*Bullying*” e “*Schools*”. O operador

booleano utilizado foi o “AND”.

A partir desses descritores, realizou-se a busca nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Pubmed*. Os limites de busca adotados pautaram-se em publicações disponíveis em texto completo, com livre acesso, escritos em língua inglesa, espanhola e portuguesa, publicados a partir do ano de 2008 até maio de 2013. Foram considerados como critérios de inclusão apresentar dados de ocorrência de *bullying* no contexto escolar de pelo menos um dos escolares envolvidos, vítimas e agressores, assim como sugerir recomendações de intervenções no combate à problemática.

Os trabalhos foram classificados segundo o nome do autor, o ano de publicação, local de realização do estudo, ocorrência de *bullying* (vítima/agressor), faixa etária dos escolares e as recomendações sugeridas no combate ao *bullying*. O instrumento de coleta dos dados consistiu de uma ficha de registro. Todos os estudos foram lidos e analisados por um único pesquisador. Pesquisas encontradas em mais de uma base de dados foram consideradas apenas uma vez.

Os dados foram analisados descritivamente (distribuições absolutas e percentuais) através do software Microsoft Excel.

## RESULTADOS

Foram encontrados 593 artigos, sendo 35 na base LILACS e 558 no *Pubmed*. A amostra final foi de 20 trabalhos, conforme descrito na Figura 1.

Os estudos científicos analisados demonstraram significativa variação na ocorrência de *bullying* autorrelatada entre as diversas pesquisas. A menor ocorrência de vitimização apresentou-se em 4%, fruto de um estudo desenvolvido nos países baixos da Europa, enquanto a maior ocorrência

(67,5%) foi verificada em um estudo brasileiro.<sup>16,17</sup> No que se refere aos executores de *bullying*, a frequência variou de 5,3% entre estudantes turcos a 54,7% entre escolares brasileiros.<sup>17,18</sup>

A maioria dos estudos exibiu dados de ocorrência de vítimas de *bullying* entre 10% e 30%.<sup>19-28</sup> Contudo, alguns pesquisadores reportaram frequências menores de 10%,<sup>16, 18, 27, 29-31</sup> enquanto outros apresentaram vitimização acima de 50%<sup>17,32,33</sup> (Tabela 1).

As informações alusivas ao número de estudantes agressores de *bullying* não foram descritas por todas as pesquisas, porém, entre as que expuseram este tipo de dado, percebe-se que a maior parte expressou uma ocorrência entre 10% e 30%, enquanto uma parcela menor das publicações exibiram valores inferiores a 10%,<sup>18-20,22-24,26,28,30-32</sup> e somente uma pesquisa publicou dado de execução de *bullying* superior a 50%.<sup>17</sup>

No que se refere à faixa etária dos escolares estudados, dos 20 artigos científicos analisados, apenas 18 explicitaram a idade dos estudantes. Com base nos parâmetros etários da OMS, criança é definida com idade entre 2 e 9 anos e adolescente a partir de 10 até os 19 anos;<sup>34</sup> assim sendo, apenas uma pesquisa foi direcionada exclusivamente a crianças<sup>16</sup>, três estudaram crianças e adolescentes<sup>17,19,32</sup> e 14 possuíram como amostra adolescentes. Destes, três incluíram indivíduos acima de 19 anos.

Os estudos latino-americanos representaram 43% das publicações selecionadas, enquanto 57% dos trabalhos foram provenientes de países da Europa, Ásia e África.

No que concerne às recomendações sugeridas pelos pesquisadores contra o *bullying*, quase todos mencionaram a adoção de medidas preventivas por meio de diversas ações, entre elas, a realização de pesquisas adicionais na temática

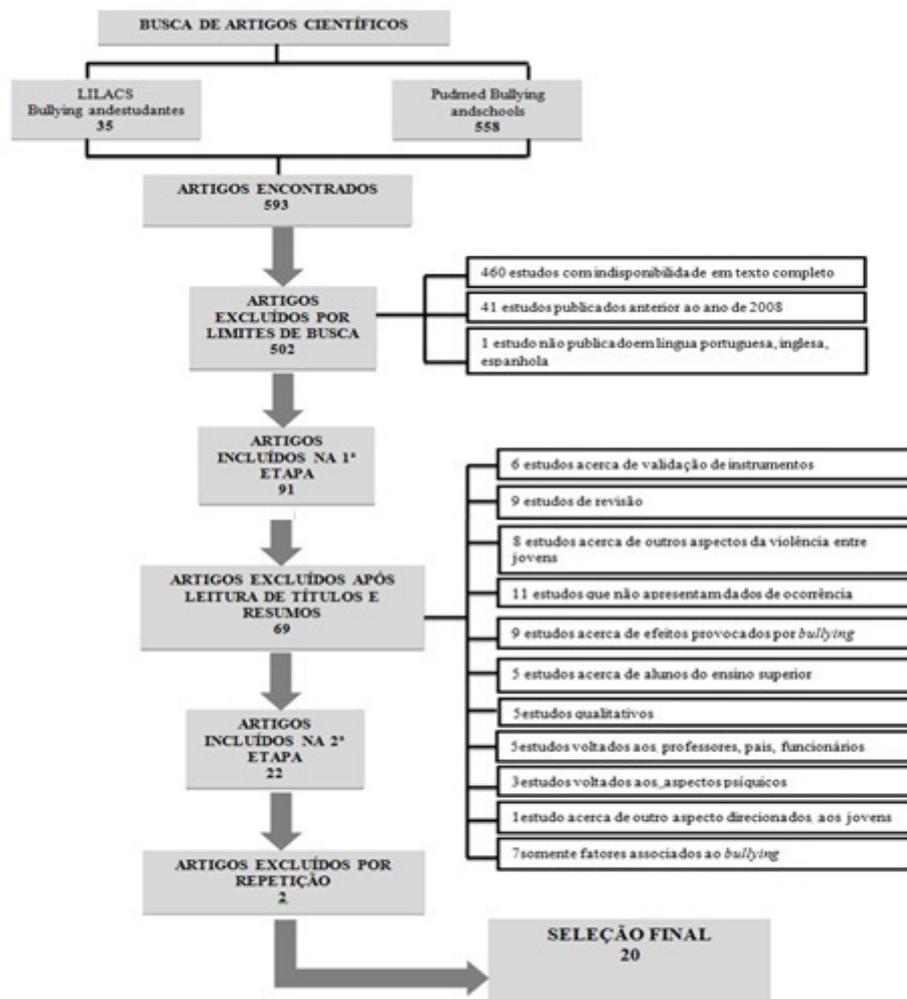


Figura 1. Fluxograma de busca e seleção dos artigos científico

Tabela 1. Distribuição dos artigos científicos quanto ao autor(es), ano de publicação, local do estudo (país), ocorrência de bullying e faixa etária médias dos escolares.

Autor	Ano	Local de estudo	Ocorrência de <i>bullying</i> (vítima/agressor)	Faixa etária média dos escolares
Avilés-Dorantes et al.	2012	México	17% / 19%	13,5 anos
Bandeira e Hutz.	2012	Brasil	67,5% / 54,7%,	13,5 anos
Cepeda-Cuervo et al.	2008	Colombia	10,4%* / -	15 anos
Continente et al.	2010	Espanha	10,7% / -	15,3 anos
Fleming e Jacobsen	2009	Vários países**	34,2% / -	14 anos
Green et al.	2011	USA	9,8%*** / -	-
Jansen et al.	2012	Países Baixos	4% / 17%	5,5 anos
Lovegrove et al.	2012	USA	15,2% / 12,5%	-
Magklara et al.	2012	Grécia	7,1% / 14,6%	17 anos
Malta et al.	2010	Brasil	5,4% / -	14 anos
Mendes	2011	Portugal	51% / 27%	11,33 anos
Obrdalj e Rumboldt	2008	Bósnia e Herzegovina	16,5% / 6,4%	13 anos
Paredes et al.	2008	Colombia	24,3% / 24,7%	13,5 anos
Rech et al.	2013	Brasil	10,2% / 7,1%	12,5 anos
Roekel et al.	2010	Holanda	17% / 19%	15,5 anos
Romaní et al.	2011	Perú	- / 37,5%	15 anos
Sevda e Sevim	2012	Turquia	5,9% / 5,3%	16 anos
Siziya et al.	2012	Zambia	62,8% / -	14 anos
Tochigi et al.	2012	Japão	4,7% / 7,4%	15,2 anos
Wang et al.	2012	China	18,99% / 8,6%	16 anos

\*No estudo de CEPEDA-CUERVO et al. (2008) o bullying foi identificado a partir de uma escala de 1 a 3, o dado da tabela corresponde ao nível IV que representa o intervalo de 2,5-3; \*\*Botswana, Kenya, Morocco, Namibia, Swaziland, Uganda, Tanzania, Zambia, Zimbabwe, Chile, Guyana, Venezuela, China, Philippines, Tajikistan, Jordan, Lebanon, Oman and the United Arab Emirates, Senegal; \*\*\*No estudo de GREEN et al. (2011) a vítima de bullying foi identificada de duas maneiras: nos últimos 30 dias agredida por uma ou duas formas de bullying e por três ou mais formas de bullying. O dado da tabela refere-se à forma mais agressiva.

para subsidiar atitudes de prevenção,<sup>19,25,35</sup> o desenvolvimento de estratégias de prevenção contínuas, de maneira interdisciplinar e intersetorial, envolvendo as escolas e as famílias;<sup>17,24,29,32,36</sup> a implementação de programas de prevenção locais, a exemplo do Programa de Prevenção do Bullying Olweus<sup>23</sup> e nacionais<sup>31</sup>, direcionados para os alunos e famílias<sup>18,20</sup>, como também, a intervenção direta no comportamento dos alunos sejam vítimas ou

agressores, com especial destaque para ações visando a percepção e conscientização dos alunos, acerca dessa problemática.<sup>22,28</sup>

Exclusivamente, um estudo acenou como intervenção considerar o *bullying* nos processos de avaliação da qualidade da educação.<sup>21</sup> O detalhamento das sugestões mencionadas, por cada autor, pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição dos artigos científicos quanto ao primeiro autor, ano de publicação, e recomendações dos autores combate ao bullying.

<b>Autor</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Recomendações dos autores combate ao <i>bullying</i></b>
Avilés-Dorantes et al.	2012	Implementar medidas preventivas de melhoramento do convívio social entre alunos.
Bandeira e Hutz.	2012	Desenvolver ações contínuas de prevenção ao <i>bullying</i> com o comprometimento das escolas na execução dos programas.
Cepeda-Cuervo et al.	2008	Considerar o <i>bullying</i> nos processos de avaliação da qualidade da educação.
Continente et al.	2010	Realizar outras pesquisas e implementar programas preventivos.
Fleming e Jacobsen	2009	Desenvolver pesquisas adicionais para subsidiar intervenções mais eficientes.
Green et al.	2011	Intervir precocemente nas escolas, com ações voltadas diretamente para o comportamento violento e agressivo dos alunos.
Jansen et al.	2012	Implementar ações de prevenção para combate ao <i>bullying</i> desde o ensino fundamental.
Lovegrove et al.	2012	Implementar programas de prevenção envolvendo alunos, famílias e escolas.
Magklara et al.	2012	Implementar uma política nacional anti-bullying.
Malta et al.	2010	Construir políticas e práticas educativas, de maneira interdisciplinar, visando à redução e a prevenção da ocorrência de <i>bullying</i> .
Mendes	2011	Concretizar ações contínuas com envolvimento das escolas no combate ao <i>bullying</i> .
Obrdalj e Rumboldt	2008	Implementar medidas específicas considerando as pesquisas existentes.
Paredes et al.	2008	Realizar mais pesquisas na temática da violência escolar e adoção de medidas para prevenção.
Rech et al.	2013	Conscientizar os alunos agressores tornando o ambiente escolar mais seguro e sadio.
Roekel et al.	2010	Implementar intervenções que foquem na percepção dos alunos acerca do <i>bullying</i> e da vitimização.
Romaní et al.	2011	Desenvolver e implementar programas de prevenção com abordagem multidisciplinar.
Sevda e Sevim	2012	Implementar programa de prevenção destinado às famílias dos alunos.
Siziya et al.	2012	Implementar estratégias de prevenção e intervenção.
Tochigi et al.	2012	Intervir diretamente nos hábitos de vida dos adolescentes como meio de minimizar o <i>bullying</i> .
Wang et al.	2012	Produzir intervenções nas escolas a exemplo do Programa de Prevenção do <i>Bullying</i> Olweus.

## DISCUSSÃO

O espaço escolar se configura tanto como um ambiente de reflexo das violências presentes na sociedade quanto meio do surgimento dessas agressões.<sup>37</sup> Pois, é no contexto escolar que as crianças e adolescentes constroem as redes de interações e relações para além da família, das quais a conduta agressiva pode se originar, equivalendo-se a um comportamento que visa causar danos ou prejuízos em alguém.<sup>38</sup>

O *bullying* tem se tornado a expressão de violência entre crianças e adolescentes, mais presente no ambiente escolar, abrangendo situações de maus-tratos repetitivos entre estes, capaz de atingir em média mais de um terço desses sujeitos, conforme pesquisa brasileira, desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA).<sup>14,39</sup>

Os agressores de *bullying* podem ser caracterizados como, na maior parte, pessoas do sexo masculino, filhos de pais que não apresentavam união estável e consumidores de drogas.<sup>26,31,35</sup> Corroboram o fato de serem os meninos, na maioria dos casos, os agressores, especialmente os que se autorrelataram praticantes de *bullying*. Desse modo, as meninas se autodeclaram mais como vítimas e/ou testemunhas.<sup>17</sup>

Há evidências<sup>29,32</sup> que crianças e adolescentes do sexo masculino predominam o envolvimento no *bullying* como agressores, do mesmo modo como vítimas. Tal constatação, todavia, não pode ser indicativo de que os meninos sejam mais agressivos que as meninas, apenas que eles manifestam maior probabilidade de inserção em situações de *bullying*.<sup>17</sup>

Autores elucidam essa divergência entre os sexos em relação ao *bullying* por os meninos encontrarem-se em uma fase de competição e busca

de prestígio, tornando-se adeptos a comportamentos de risco, quando comparados às meninas, além do que o tipo de *bullying* que eles se envolvem é predominantemente a forma física direta, enquanto elas são atingidas mais por agressões verbais e de exclusão.<sup>16,22</sup>

Outra característica dos agressores e vítimas se refere à idade. Os envolvidos mais novos tendem a se tornar vítimas enquanto os mais velhos comportam-se como agressores.<sup>23,25-26</sup> Um estudo quantifica essa relação, afirmando que os escolares com idade entre 13 e 14 anos apresentaram 86% mais chances de serem agressores em relação aos escolares com 11 e 12 anos.<sup>22</sup> Os estudantes mais novos revelam-se como, em maior frequência, vivenciadores de *bullying*.<sup>29</sup> Desse modo, percebe-se que os adolescentes são o alvo de estudos sobre situações de *bullying* no ambiente escolar, principalmente a faixa etária média de 13 a 15 anos.

Dentre os tipos de *bullying*, o verbal é o mais comum, praticado através de apelidos, insultos, deboches; o *bullying* físico aparece como o segundo mais rotineiro representado por empurrão, chute, golpes, roubos e ameaças com armas<sup>17,26,36,40</sup>. Além de apresentar-se mais recorrente, o *bullying* verbal, muitas vezes, não é percebido na escola e na família. Logo, muitos crerem que a agressão verbal não seja tão prejudicial à medida que não se torna evidente. Quanto à agressão física, no entanto, apesar de ser silenciosa, as marcas deixadas são graves.<sup>17</sup>

Diversos estudos evidenciaram que a relação familiar é fator influenciador no envolvimento dos escolares em situações de *bullying*.<sup>16,18,23,30,31</sup>. Alunos que presenciaram ou sofreram violência por membros da família se envolveram significativamente nos casos de *bullying*. Quando o escolar testemunhou a prática de violência na família este tendeu a se transformar em um agressor de *bullying*, enquanto as vítimas possuíam histórico

de sofrerem violência na família ou serem filhos de pais autoritários.

Além da presença de ações violentas no seio familiar, outros aspectos em relação à família dos jovens provavelmente contribuem para os escolares se tornarem vítimas ou agressores do *bullying*, a exemplo do nível educacional dos pais, desigualdades socioeconômicas nas famílias<sup>16</sup>, laços familiares fragilizados e famílias constituídas por apenas um dos pais.<sup>18,31</sup>

Dessa maneira, pode-se compreender que as relações experimentadas no ambiente familiar refletem diretamente no comportamento da criança ou adolescente no ambiente escolar. A convivência com a violência física, por parte da família, como método de disciplina, ensina que a agressão é uma forma de alcançar metas<sup>18</sup>. Assim sendo, os fortes laços familiares carregados de afeto e de bons relacionamentos podem ser tomados como instrumentos de influência positivos na não inserção no *bullying*.

É evidente que a literatura científica que trata do *bullying* encontra-se ampla e diversificada e que a temática tem se mostrado objeto de estudo de diversos países. Este fato indica, provavelmente, que o problema contém uma dinâmica própria que transpassa culturas e condições sociopolíticas, adquirindo dimensões globais.<sup>19</sup>

De modo geral, observa-se que os estudos recentes expressam, em grande parcela, números preocupantes de ocorrência de *bullying* entre os escolares, visto que a depender das características do estudo, há alta proporção de envolvidos nas situações, somando-se vítimas e agressores. Além disso, destaca-se o potencial dos agressores de propagarem a violência entre os colegas, logo que um escolar agressor detém a capacidade de atingir diversas vítimas.<sup>41</sup>

Ressalta-se, ainda, a impossibilidade de obter comparação entre os dados das pesquisas, pois os delineamentos das mesmas não foram uniformes, cada pesquisador valeu-se de instrumentos de coleta e análise de dados diferenciados. A literatura analisada aponta que não há consenso na comunidade científica sobre a classificação dos envolvidos no *bullying*. Desse modo, os pesquisadores se basearam em métodos de classificação, na maioria das vezes, em conformidade com o instrumento empregado.

Alguns estudos consolidaram a análise do *bullying* segundo somente os conceitos de Olweus<sup>10</sup> e Rigby<sup>42</sup>, enquanto outros estudos definiram os critérios de classificação do *bullying* em conformidade com o questionário aplicado e a literatura acerca do mesmo. Dentre os instrumentos aplicados, haviam desde aqueles produzidos pelos próprios pesquisadores até os validados e reconhecidos nacional e internacionalmente, que foram: *Kidscape*, *Large-scale Survey Sample*, *American Drug and Alcohol Survey*, *Revised Clinical Interview Schedule (CIS-R)*, *Boston Youth Survey (BYS)*, *Global School-based Health Survey*, *Factores de Riesgo en Escolares de Barcelona – FRESC*.

Quanto à definição do caso de *bullying*, seja enquanto vítima ou agressor, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera os últimos dois meses e quantifica o número de eventos com um ponto de corte de duas ou mais ocorrências nesse período.<sup>43</sup> Todavia, esta é apenas uma aceção. A análise dos estudos apontou pesquisas que estabeleceram, temporalmente, limites, considerando os últimos 12 meses, o último mês e o dia. Em relação à quantificação dos eventos, nos estudos, concentraram-se os critérios de três vezes ou mais no último ano e/ou mês e mais de uma vez no último mês ou ao dia.

Independente da classificação do *bullying*, é consenso, atualmente, que o mesmo comporta-se como um agravo à saúde e faz parte do cotidiano escolar, promovendo grandes implicações e efeitos negativos em vítimas e agressores no contexto educacional, de saúde e familiar, com características viciosas ao ponto que as ações de *bullying* são consideradas normais e reproduzidas pelos escolares, alimentando um ciclo cada vez mais difícil de ser abordado.<sup>20,36</sup>

Diante das características do *bullying*, considerando-o como um fenômeno, resultado das interações entre escolares, família, grupo de amigos, escola, comunidade, permeadas pela cultura e dinâmicas sociais. Tem-se revelado a necessidade de aprofundamento do tema a partir de uma perspectiva multidimensional na tentativa de compreender a complexidade da origem e manutenção do evento no espaço escolar, provendo subsídios para medidas preventivas.<sup>19,36</sup>

Assim, alerta-se para o direcionamento das ações de prevenção no combate ao *bullying* para as famílias, visto a intencionalidade provocada pelas relações familiares no comportamento dos alunos no que se refere a essa problemática.<sup>18</sup> Corroborando com essa perspectiva, estudo<sup>32</sup> ressalva a importância da participação ativa da família na vida escolar como meio de fortalecer as relações saudáveis entre pais e filhos.

Ademais, se fazem necessárias intervenções voltadas aos escolares, especialmente acerca da concepção de *bullying* e violência, considerando o fato de muitos naturalizarem esse evento, classificando-o como uma “brincadeira”, bem como focar na quebra da preponderância do modelo individualista e estímulo ao sentimento de coletividade no cenário escolar.<sup>17,27</sup>

Outro aspecto em relação aos alunos, que alguns autores<sup>23,30</sup> consideram relevante no

planejamento das ações de prevenção, trata-se do estilo de vida dos escolares. As pesquisas desenvolvidas por estes autores explanaram que hábito de vida noturno, poucas horas de sono, grande tempo de permanência fazendo uso de internet e uso constante do telefone celular são fatores de risco para se tornar integrante das situações de *bullying* na escola.

Reforça-se, ainda, o estabelecimento de mecanismos de prevenção, objetivando, de maneira mais específica, as turmas, pois se verificou que agressores e vítimas, na maioria das vezes, pertencem à mesma turma. Ratifica-se, do mesmo modo, a teoria de que a turma escolar se constitui um grupo social com normas próprias, na qual as relações dos estudantes que pertencem, originam e alimentam as atitudes dos alunos integrantes. Assim, se a turma cultiva relações positivas, essas se propagam entre os indivíduos, bem como o contrário.<sup>32</sup>

Alguns estudos aludiram programas de prevenção de forma mais sistematizada, a exemplo do *Bullying Prevention Program (BPP)* desenvolvido por um estudo de intervenção, o qual foi estruturado por meio de um comitê escolar, responsável pela prevenção do *bullying*, considerando o nível das turmas e o direcionamento de atividades individuais aos agressores, vítimas e os familiares,<sup>23</sup> assim como, programas anti-bullying,<sup>31</sup> a partir do rastreamento e ações educativas de prevenção com a participação da equipe de saúde de Atenção Primária, juntamente com as escolas.<sup>26</sup>

Portanto, as ações de prevenção contra o *bullying* devem incluir, primeiramente, toda a comunidade escolar (alunos, professores, diretores) e a família.<sup>17,24</sup> E em maior abrangência, em decorrência de suas numerosas interfaces, transpassar a área educacional, integrando práticas

com as áreas da saúde e social no estabelecimento de medidas interdisciplinares e intersetoriais para o enfrentamento dessa problemática e, por conseguinte, para a promoção da qualidade de vida dos alunos e do coletivo.<sup>29</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura científica revela que, atualmente, o *bullying* é componente do cenário escolar, reflete a violência que assola a sociedade fora da escola e exhibe a força da propagação da violência, da discriminação, da exclusão social entre crianças, adolescentes e jovens.

Inferese, então, que os meninos mais novos são os principais envolvidos no *bullying*. A partir de tal conclusão, a primeira iniciativa, contra esse fenômeno, deve partir do reconhecimento deste como um problema e, em seguida, da implementação de intervenções efetivas com potencial de tratar, de maneira precoce, a questão, exigindo a articulação de diversos atores e setores.

Diante da magnitude que essa problemática se mostra, torna-se urgente a adoção de medidas de prevenção em nível local e nacional, capazes de produzir soluções atingíveis de minimização e combate, necessitando, portanto, de constantes pesquisas científicas a fim de aprofundar, cada vez mais, o conhecimento sobre a temática.

Nessa perspectiva, o atual estudo contribui como fonte de estratégias de medidas preventivas efetivas desenvolvidas em todo mundo, sendo potenciais exemplos de enfrentamento do *bullying* nas escolas. No entanto, é importante destacar que esta pesquisa se limitou a somente a duas bases de dados científicas. Certamente, se delineada a partir de demais bases de dados, os resultados serão ampliados.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. *Viva: Vigilância de violências e acidentes*. 2006 e 2007. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
2. LEME, M. I. S. A gestão da violência escolar. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 28, p. 541-555, set./dez. 2009.
3. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.
4. LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, S164-S172, 2005.
5. CRUZEIRO, A. L. S.; FARIA, A. D.; PINHEIRO, R. T.; SILVEIRA, I. O.; FERREIRA, C. D. Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 9, p. 2013-2020, set. 2008.
6. CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, v. 19, n. 4. p. 523-537, 2001.
7. MATOS, M.; CARVALHOSA, S. Violência na escola: vítimas, provocadores e outros. *Aventura Social & Saúde*, v. 2, n. 1, p. 1-8, set. 2001.
8. OLWEUS, D. Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*, v. 43, n. 7, p. 1171-1190, 1994.

9. NANSEL, T. R.; CRAIG, W.; OVERPECK, M. D.; SALUDA, G.; RUAN, J. Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, v. 158, n. 8, p. 730-736, Aug. 2004.
10. OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do?* Cambridge: Blackwell Publishing, 1993.
11. TRAUTMANN, A. Maltrato entre pares o "bullying": Una vision actual. *Revista Chilena de Pediatría*, v. 79, n. 1, p. 13-20, 2008.
12. RIGBY, K. Consequences of bullying in schools. *Canadian Journal of Psychiatry*, v. 48, n. 9, p. 583-590, Oct. 2003.
13. KOCHENDERFER, B. J.; LADD, G. W. Peer victimization: Cause or consequence of school mal adjustment? *Child Development*, v. 67, n. 4, p. 1305-1317, Aug. 1996.
14. SEIXAS, S. R. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, v. 23, n. 2, p. 97-110, 2005.
15. RIGBY, K.; SMITH, P. K. Is school bullying really on the rise? *Social Psychology of Education*, v. 14, n.4, p. 441-455, Dec. 2011.
16. JANSEN, P. W.; VERLINDEN, M.; BERKEL, A. D.; MIELOO, C.; ENDE, J.; VEENSTRA, R.; VERHULST, F. C.; JANSEN, W.; TIEMEIER, H. Prevalence of bullying and victimization among children in early elementary school: Do Family and school neighborhood socioeconomic status matter? *BMC Public Health*, v. 12, n. 494, 2012.
17. BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.
18. SEVDA, A.; SEVIM, S. Effect of high school students' selfconcept and family relationships on peer bullying. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, v. 25, n. 4, p. 405-412, 2012.
19. PAREDES, M. T.; ÁLVAREZ, M. C.; LEGA, L. I., VERNON, A. Estudio exploratorio sobre el fenómeno del "Bullying" em la ciudad de Cali, Colombia. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 6, n.1, p. 295-317, enero-junio, 2008.
20. AVILÉS-DORANTES, D. S.; ZONANA-NACACH, A., ANZALDO-CAMPOS, M. C. Prevalencia de acoso escolar (bullying) em estudiantes de una secundaria pública. *Salud Pública de México*, v. 54, n. 4, p. 362-363, 2012.
21. CEPEDA-CUERVO, E; PACHECO-DURÁN, P. N., GARCÍA-BARCO, L.; PIRAQUIVE-PEÑA, C. J. Acoso escolar a estudiantes de educación básica y media. *Revista de Salud Pública*, v. 10, n. 4, p. 517-528, 2008.
22. RECH, A. R. R.; HALPERNB, R.; TEDESCOC, A.; SANTOS, D. F. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators

- of bullying. *Jornal de Pediatria*, v. 89, n. 2, p. 164–170, 2013.
23. WANG, H.; ZHOU, X.; LU, C.; WU, J.; DENG, X.; HONG, L.; GAO, X.; HE, Y. Adolescent bullying involvement and psychosocial aspects of family and school life: A cross-sectional study from Guang dong province in China. *PLoS ONE*, v. 7, n. 7, 2012.
24. LOVEGROVE, P. J.; HENRY, K.; SLATER, M. D. Examination of the predictors of latent class typologies of bullying involvement among middle school students. *Journal of School Violence*, v. 11, n. 1, p. 75-93, 2012.
25. CONTINENTE, X. G.; GIMÉNEZ, A. P.; ADELL, M. N. Factores relacionados com el acoso escolar (bullying) em los adolescentes de Barcelona. *Gaceta Sanitaria*, v. 24, n. 2, p. 103-108, 2010.
26. OBRDALJ, E. C.; RUMBOLDT, M. Bullying among school children in postwar Bosnia and Herzegovina: Cross-sectional study. *Croatian Medical Journal*, v. 49, n. 4, p. 528-535, Aug. 2008.
27. GREEN, J. G.; DUNN, E. C.; JOHNSON, R. M.; MOLNAR, B. E. A Multi level investigation of the association between school context and adolescent nonphysical bullying. *Journal of School Violence*, v. 10, n. 2, p. 133-149, Jan. 2011.
28. ROEKEL, E. V.; SCHOLTE, R. H. J.; DIDDEN, R. Bullying among adolescents with autism spectrum disorders: Prevalence and perception. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 40, n. 1, p. 63-73, Jan. 2010.
29. MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; CRESPO, C.; CARVALHO, M. G. O.; SILVA, M. M. A.; PORTO, D. L. Bullying nas escolas brasileiras: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, Supl. 2, p. 3065-3076, 2010.
30. TOCHIGI, M.; NISHIDA, A.; SHIMODERA, S.; OSHIMA, N.; INOUE, K.; OKAZAKI, Y.; SASAKI, T. Irregular bedtime and nocturnal cellular phone usage as risk factors for being involved in bullying: A cross-sectional survey of Japanese adolescents. *PLoS ONE*, v. 7, n. 9, p. 1-6, Sept. 2012.
31. MAGKLARA, K.; SKAPINAKIS, P.; GKATSA, T.; BELLOS, S.; ARAYA, R. Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a cross-sectional study in late adolescents in Greece. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, v. 6, n. 8, p. 1-12, 2012.
32. MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Revista da Escola de Enfermagem - USP*, v. 45, n. 3, p. 581-588, 2011.
33. SIZIYA, S.; RUDATSIKIRA, E.; MUULA, A. S. Victimization from bullying among school-attending adolescents in grades 7 to 10 in Zambia. *Journal of Injury and Violence Research*, v. 4, n. 1, p. 30-35, 2012.

34. CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F. P.; GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição*, v. 18, n. 4, p. 491- 497, 2005.
35. FLEMING, L. C.; JACOBSEN, K. H. Bullying among middle-school students in low and middle income countries. *Health Promotion International*, v. 25, n. 1, p. 73-84, 2009.
36. ROMANÍ, F.; GUTIÉRREZ, C., LAMA, M.. Auto-reporte de agresividad escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria. *Revista Peruana de Epidemiología*, v. 15, n. 2, p. 1-8, mayo-ago. 2011.
37. RISTUM, M. Violência: uma forma de expressão da escola? *Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, v. 2, n. 2, p. 59-68, 2004.
38. LISBOA, C. S. M. Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre, 2005.
39. LOPES, A. A. N. Programa de redução del comportamiento agresivo entre estudiantes. In: SILVA, C. B.; LISBOA, C. M. *Violencia escolar*. Santiago: Universitária, 2005. p. 297-335.
40. BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, v. 27, n.1, p. 90-126, Mar. 2007.
41. MATOS, M. G.; GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 10, n.1, p. 3-15, 2009.
42. RIGBY, K. The relationship between reported health and involvement in bully/victim problems among male and female secondary school students. *Journal of Health Psychology*, v. 3, n. 4, p. 465-476, 1998.
43. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Inequalities young people's health: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet. Copenhagen: World Health Organization, 2008.